

BEM-ESTAR ANIMAL

Fonte de renda e alimento para o homem, os animais devem ser tratados com respeito e sem sofrimento. O princípio do bem-estar animal tem sido reivindicado por consumidores e pode aumentar a lucratividade da cadeia produtiva

ERIKA L. VOOGD*

Na América Latina, há um novo conceito em ascensão: o bem-estar animal. Tema que há dez anos era raramente discutido, hoje tem se tornado um assunto comum no Congresso Anual de Bovinos. Alguns grupos consumidores, grandes redes de restaurantes e a OIE (Organização Mundial de Saúde Animal) consideram o tratamento humanitário de animais uma vantagem comercial para países exportadores, que podem divulgar que suas fazendas e abatedouros atendem a normas internacionais na produção e abate. Tudo isso significa boas notícias para os produtores de gado na América do Sul.

O Brasil tem condições excepcionais para a oferta de carne natural e livre de BSE a mercados como Europa, Ásia e América do Norte. A demanda por produtos naturais, livres de hormônios, promotores de crescimento e antibióticos continua a crescer. É importante

apontar que o mesmo consumidor interessado em produtos naturais também está consciente sobre bem-estar animal e quer saber se o animal foi tratado humanamente em todo seu ciclo de vida.

Nos últimos seis anos, sob orientação de Temple Grandin, a mais famosa autoridade mundial no assunto, visitei mais de 70 abatedouros e avalei as práticas associadas ao manejo animal no abate. Trabalhando como consultora na indústria da carne, fui solicitada para dividir minhas experiências sobre como auditar estabelecimentos de bovinos, suínos e aves quanto ao tratamento humanitário na Ásia, Canadá, América Central, Europa e América do Sul. Ficou claro que esse assunto está aberto a discussões e bons administradores querem estar em conformidade com a regulamentação de manejo humanitário.

A principal lição que aprendi foi que um manejo calmo e quieto durante o ciclo de vida dos animais pode incrementar muito a qualidade da carne, aprimorar a segurança dos funcionários e aumentar a eficiência do processo em plantas que pretendem expandir seu volume. Assim, se não sou capaz de convencer o processador a fazer mudanças pelos animais, o apelo para a melhoria da qualidade do produto e eficiência dos processo atrairá sua atenção.

Ano passado, na América Central, visitei um frigorífico onde o gado tinha que pular sobre um pneu de caminhão quando saía de pequenos caminhões de transporte. Isso resultava em estresse animal devido ao medo, agitação e deslizamentos. Também havia a possibilidade de queda e, conseqüentemente, a contusão



ROSANGELA TRACANA

do gado no desembarque. O mesmo frigorífico utilizava um sistema de atordoamento que causava tropeços e quedas quando o gado entrava no box. Como o chão era escorregadio, o animal ficava com muito medo de entrar nesse box de atordoamento. Para forçá-los a entrar, eram, então, utilizados aparelhos de choques elétricos em quase todos os animais. Todos esses procedimentos seriam inaceitáveis nas práticas humanitárias de manejo.

Quando a empresa foi conscientizada sobre essas ocorrências, a administração foi receptiva às sugestões de mudança. O frigorífico construiu um desembarcadouro que facilitasse o desembarque dos caminhões. Também foram feitas adequações no box de atordoamento. Essas alterações resultaram numa otimização do processo. Escorregões, queda e uso de choque elétrico foram reduzidos, bem como o estresse em geral. As mudanças levaram pouco tempo para serem implementadas e, quando Temple Grandin visitou o estabelecimento a planta foi facilmente aprovada conforme os princípios globais de bem-estar animal.

A OIE desenvolveu as orientações internacionais de bem-estar animal, que podem ser utilizadas por países membros que desejam se engajar na comercialização de animais ou de produtos de origem animal. O foco principal do Comitê Internacional é a preservação das “cinco liberdades”:

- Liberdade de fome e sede
- Liberdade do desconforto térmico e psicológico
- Liberdade da dor, maus tratos e doenças
- Liberdade do medo e sofrimento
- Liberdade de expressar seu comportamento natural

O objetivo da OIE é “convencer todos os tomadores de decisão de seus países membros sobre a necessidade de considerar o relacionamento homem-animal em favor de maior respeito pelos animais”. Muitos pecuaristas sabem disso há anos. Os verdadeiros amantes de gado com os quais eu trabalho têm respeito pelo seu rebanho e entendem o instinto natural dos animais. Quando menciono que estive viajando mundo afora, a primeira pergunta que eles fazem é “Com o que o gado se parece?” Esses pecuaristas estão muito atentos com os animais que eles criam e estabeleceram uma relação simbiótica com a natureza.

Há fazendas em que empregadores e gerentes ainda não se conscientizaram sobre o bem-estar animal. Em muitos casos, há situações em que não se consideram animais com criaturas vivas, mas como um “futuro corte de carne”. Por esta razão, muitos grupos de consumidores estão se envolvendo na divulgação de métodos de manejo que considerem “as cinco liberdades”. Há um forte movimento para assegurar que a indústria da carne tenha ciência das necessidades animais durante o ciclo de vida.

Mais rendimento

Uma das atividades mais gratificantes tem sido convencer a gerência das plantas que as mudanças em bem-estar animal não reduzirão apenas o estresse do rebanho, mas também aumentarão a eficiência e facilidade de manejo dos animais, gerando lucros maiores.

Embora o tratamento humanitário esteja envolvido com os conceitos de bem-estar animal, essa atitude também é positiva do ponto de vista econômico para a atividade.

Imagine quanto esforço demanda para elevar a qualidade de carne e quão rápido a carne pode ser prejudicada por um manejo rude durante o transporte ou um desembarcadouro em péssimas condições de uso. A comunicação com os transportadores pode aumentar muito o rendimento e a qualidade de carne produzida. O gerenciamento no transporte para prevenir escorregões, cortes, machucados e desconforto térmico que podem reduzir a quantidade de carne desqualifi-

cada durante o processo. Grandin estima que o controle do transporte do gado reduz significativamente as contusões. A especialista reportou que em caminhões superlotados ocorrem 88% mais quedas durante o transporte. Outro estudo concluiu que um manejo calmo durante o embarque pode reduzir o índice de contusões em sete pontos percentuais (15,5% de contusões no gado manejado com uso de choque elétrico versus 8,35% quando os animais são movimentados de forma silenciosa e calma).

Ao revisar as áreas de manejo para avaliar as distrações que podem influenciar o movimento animal, a fazenda ou planta pode melhorar o manejo e reduzir o uso de choque elétrico e a agitação dos animais. Às vezes, quando entro numa planta, os empregados estão gritando com os animais, o que é interpretado pelo rebanho como aviso de perigo e hostilidade. Uma vez que os animais ficam agitados, são necessários de 30 minutos a uma hora para acalmá-los novamente. Ao reduzir o volume da voz e movimentar os animais numa persuasão silenciosa, o gado se manterá calmo e tranquilo. Essa redução de estresse pode aumentar a qualidade de carne bem como facilitar o fluxo do animal durante o processo.

Grandin tem utilizado o autismo com uma ferramenta para entender como os animais percebem o ambiente. Em seu último livro, *Animals in Translation*, ela discute o relacionamento entre animais e pessoas com autismo. Ambos utilizam os cinco sentidos – visão, olfato, audição, tato e paladar –, para avaliar o ambiente e fazer escolhas, considerando o que há de ameaçador no meio. Ao controlar o ambiente, aclimatando os animais à calma e interação com gentileza humana e limitando o número de distrações assustadoras, o produtor pode preparar os animais para uma morte pacífica. O abatedouro pode facilitar essa transição através da revisão da planta e modificação do meio para limitar fatores de estresse.

Os animais têm sido nossos companheiros e muitos são nossas fontes de rendimento e alimento. O respeito e cuidado que ofertamos no decorrer de seu ciclo de vida nos levará a uma sensação de trabalho bem feito. 🐾

* Erika L. Voogd é especialista em bem-estar animal, segurança alimentar, HACCP, regulamentos do USDA e presta consultoria para indústrias de alimentos e carnes